



“A OBSCENA SENHORA D”, DE HILDA HILST, E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA

Sara Verônica Cabral Neris

Tamar Naline Shumiski

RESUMO: O feminino, temática que se encontra presente nas obras hilstianas, é apresentado sob a perspectiva das relações de representação feminina, em estudo da narrativa *A Obscena Senhora D.*, obra pertencente à Literatura Brasileira Contemporânea. O objetivo principal desta pesquisa é evidenciar a representação feminina por meio da obra *A Obscena Senhora D.*, de Hilda Hilst. A busca pela leitura de livros clássicos, onde as mulheres são as personagens principais, é um tema de relevância no contexto do empoderamento feminino, visto que há uma defasagem de meninas e mulheres que ocupam lugares de destaque na sociedade, bem como na literatura. Ao falar da inserção de uma sociedade feminina no âmbito literário, é preciso resgatar os movimentos que lutavam para que os direitos das mesmas fossem valorizados. No entanto, esses movimentos feministas não significavam o sucesso e a aceitação na literatura, como aponta Zolin (2007, p. 291), “[...] essas conquistas obtidas por meio do movimento feminista não garantem a igualdade almejada pelas mulheres entre os sexos, mas, promovem um novo modo de se fazer literatura, a partir da perspectiva da mulher, quase sempre, feminista. [...]”. Muitas mulheres iniciaram suas obras anonimamente, utilizando pseudônimos masculinos para que não fossem descobertas e assim, proibidas de escrever. Para desenvolver esta análise, acerca da escrita de Hilda Hilst, foi realizada uma breve revisão bibliográfica sobre a crítica feminista, a evolução de seus conceitos, partindo de uma investigação de uma obra escrita por mulher e de suas características, utilizando-se a metodologia qualitativa, de caráter indutivo. Desta forma, foi feito um estudo, que comprovou que a obra da autora brasileira Hilda Hilst contribui para a representatividade da mulher no campo literário, além de protestar contra o machismo nas relações de gênero.

Palavras-chave: Hilda Hilst. *A Obscena Senhora D.* Representação feminina. Crítica literária. Literatura brasileira

ABSTRACT

"THE OBSCENE LADY D", BY HILDA HILST, AND THE FEMININE REPRESENTATION IN BRAZILIAN LITERATURE

The feminine, a theme that is present in Hilst's works, is presented from the perspective of female representation relations, in a study of the narrative *A Obscena Senhora D.*, a work belonging to Contemporary Brazilian Literature. The main objective of this research is to highlight the female representation through the work *A Obscena Senhora D.*, by Hilda Hilst. The quest to read classic books, where women are the main characters, is a



relevant topic in the context of female empowerment, since there is a gap between girls and women who occupy prominent places in society, as well as in literature. When talking about the inclusion of a female society in the literary sphere, it is necessary to rescue the movements that fought for their rights to be valued. However, these feminist movements did not mean success and acceptance in the literature, as Zolin (2007, p. 291) points out, "[...] these achievements obtained through the feminist movement do not guarantee the equality desired by women between the sexes, but they promote a new way of making literature, from the perspective of the woman, almost always, feminist. Many women started their works anonymously, using male pseudonyms so that they would not be discovered and thus prohibited from writing. To develop this analysis, about Hilda Hilst's writing, a brief bibliographical review was carried out on feminist criticism, the evolution of its concepts, starting from an investigation of a work written by a woman and its characteristics, using the qualitative methodology, inductive in nature. In this way, a study was carried out, which proved that the work of the Brazilian author Hilda Hilst contributes to the representation of women in the literary field, in addition to protesting against sexism in gender relations.

Keywords: Hilda Hilst. The Obscene Lady D. Female representation. Literary criticism. Brazilian literature.

1 INTRODUÇÃO

Hilda Hilst, apontada como uma das principais escritoras, considerada uma figura de personalidade forte e intensa, contribuiu imensamente para o desenvolvimento da literatura de autoria feminina e para a escrita de obras com representatividade da mulher. A Obscena Senhora D foi o quinto livro em prosa da escritora, que transportou uma bagagem de informações a serem levantadas acerca do enredo. A narrativa acompanha a experiência por que passou a personagem protagonista Hillé, que se questiona ao Divino, sua existência na função da perda do companheiro, da velhice e da solidão.

Nesta obra, é predominante uma característica comum de Hilda Hilst, sua escrita ousada e literalmente obscena. Assim, o livro é fundamentado em dupla narrativa, girando em torno da religiosidade e do erotismo. Hillé, personagem principal, se questiona:

[..] o que é paixão? o que é sombra? eu mesmo te pergunto e eu mesmo te respondo: Hillé, paixão é a grossa artéria jorrando volúpia e ilusão, é a boca que pronuncia o mundo, púrpura sobre a tua camada de emoções, escarlates sobre a tua vida, paixão é esse aberto do teu peito, e também teu deserto. (HILST, 1982, p. 29).



A representatividade feminina está presente neste contexto. Esses questionamentos abordados pela personagem são direcionados a Deus, assim é identificada a presença comum de religiosidade, que está sempre presente nas obras hilstianas. Em uma entrevista aos Cadernos de Literatura (1999, p. 30), Hilst assim se posiciona: “A minha literatura fala basicamente desse inefável, o tempo todo. Mesmo na pornografia, eu insisto nisso. Posso blasfemar muito, mas o meu negócio é o sagrado. É Deus mesmo, meu negócio é com Deus.”

Não só Hilda Hilst, mas várias escritoras da literatura brasileira, como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Lygia Bojunga Nunes, Marina Colasanti, na prosa, e Adélia Prado e Cora Coralina, dentre outras, preferiram criar mulheres em suas obras. Hilda Hilst pode ser considerada uma mulher escritora, livre, que criava suas próprias regras, mulher que, em pleno século XX, em uma sociedade marcada pelo machismo, e que, com a produção deste livro, escreveu uma literatura de crítica feminista. Em relação à condição da mulher como escritora, em um contexto literário comandado por homens, Southey (1837, apud Gilbert & Gubar, 1979, p. 8), poeta inglês, afirma que “A literatura não é assunto de mulheres, e não pode ser.”

Desta forma, o fazer literário não era feito para mulheres, e sim para homens que tinham em sua esfera o público tanto masculino, quanto feminino. Isso justifica também a época em que escritoras mulheres buscavam sua independência, igualdade e inserção na sociedade, principalmente na esfera literária.

Por meio desta pesquisa, comprovamos em que medida a obra *A Obscena Senhora D*. representa a figura feminina e qual a importância desta leitura para desencadear a igualdade de tratamento nas relações de gênero. Assim, esperamos que este estudo contribua para mostrar a relevância da leitura de textos escritos por mulheres e com personagens femininas, de modo a formar futuros leitores que respeitem o lugar da mulher na sociedade brasileira.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Publicado originalmente em 1982, a obra em prosa *A Obscena Senhora D*, de Hilda Hilst, é marcada por uma narrativa de ausência. Essa ausência é desenvolvida pela personagem principal e aparece logo no início da narrativa: “Vi-me afastada no centro”. O aspecto de deslocamento de Hillé, narradora-protagonista, é visto como uma forma de luto, pela morte de seu marido Ehud. O termo *Senhora D*, explicado por seu marido como



significado de D, de Derrelição, também é visto como forma de solidão pela personagem, revelando o estado em que a narradora Hillé se encontra agora aos sessenta anos, viúva e solitária:

Eu Hillé também chamada por Ehud A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas. Derrelição Ehud me dizia, Derrelição - pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono, e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição, ouviu? (HILST, 1982, p.11)

No entanto, é notável a ideia de afastamento de Hillé, antes mesmo da morte de Ehud. O que expressa que a morte física de seu esposo não é o ponto primordial da narrativa. Pode-se afirmar isso com base na sua declaração:

Agora que Ehud morreu vai ser mais difícil viver no vão da escada, há um ano atrás quando ele ainda vivia, quando tomei este lugar da casa, algumas palavras ainda, ele subindo as escadas Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada? você está me ouvindo Hillé? Olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? (HILST, 1982, p.18)

A mulher se vê em uma batalha entre lucidez e loucura, perante a tentativa de compreender o que é incompreensível. Ocupar um lugar da casa considerado impróprio, simplesmente reforça o sentimento de não pertencer àquele lugar em que se encontra, criando assim um ambiente de paratopia. Maingueneau comenta, em relação ao fato de que a literatura está nesse lugar delinquente, já que “[...] basta que a sociedade se crie em uma estrutura paratópica para que a criação literária seja atraída para sua órbita”. (MAINGUENEAU, 2001, p.36). Assim sendo, a condição da escritora também é paratópica levando a uma busca de lugar incessante na literatura.

Hilda Hilst, autora da narrativa, também foi uma mulher transgressora, assim como retrata em sua personagem Hillé. Em junho de 1966, em certo momento de sua vida, afastou-se da cidade e deslocou-se para um sítio, no interior de Campinas, SP, ao qual deu o nome de Casa do Sol. Durante este momento de sua vida, recebia visitas apenas de pessoas mais próximas, focando ainda mais na escrita em prosa. Segundo o livro biográfico *Eu e Não Outra, a Vida Intensa de Hilda Hilst*, a escritora comentou com amigos que o livro *A Obscena Senhora D* foi escrito escondido sob a figueira. É importante afirmar que a protagonista passa quase toda a narrativa sob uma escada também escondida da vida, refletindo assim a própria existência da escritora.



Hilda Hilst era uma mulher que estava à frente de seu tempo, surpreendendo o público com sua postura e linguagem petulante. As obras de Hilda eram reflexo de sua personalidade forte. No entanto, era praticamente impossível esquecer que ela era uma mulher, e mulheres, naquela época, eram silenciadas, principalmente quando essas mulheres eram escritoras que abordavam a sexualidade. Portanto, ainda que as obras hilstianas, como de várias outras, tenham modificado o cenário literário atual, observa-se que a defasagem em relação a essas obras é titânica e continuam afastadas da sociedade.

De acordo com Sússekind (2003, p. 21):

A pesquisa sobre a mulher na literatura no Brasil constitui-se, de forma muito nítida, a partir da experiência de pesquisadoras que passaram algum tempo no exterior com bolsas de estudo ou em função de exílio político próprio ou de seus maridos. (...) O que está em jogo aqui é o fato de que a maior parte dos estudos literários feministas se concentra nos departamentos de inglês e de francês, lidando com suas respectivas literaturas. A produção feminista relativa à literatura brasileira é ainda minoritária e mostra-se inexplicavelmente tímida.

Neste percurso, a escritora ficcionista Hilda Hilst foi também considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras, cujo título é mérito de suas obras que abordavam temáticas femininas, sentimentalismo, erotismo e solidão. Como mulher, Hilda Hilst era livre, inteligente, determinada e transgressora. Lima (2018, online), jornalista, advogado e amigo próximo de Hilda Hilst, afirma: “No começo dos anos 1950, eu era um jovem estudante, e ela, já escritora, dona de uma liberdade que deixava todo mundo perplexo.” Hilda seguia um estilo próprio, em que ela dominava e fazia bem-feito.

Na primeira metade do século XX, começaram a aparecer novas perspectivas na literatura, a criação do pensamento moderno e o desdobramento de ideias clássicas. Assim, surgiu a geração 45, conhecida também como a terceira geração modernista, que revelava uma literatura mais intimista, diferente das outras gerações essa tinha grande apelo psicológico e forte preocupação com as questões sociais. Sobre Hilda, Bosi (2013, p. 2, apud Araújo, 1985) afirma

[...] pertence ao ideal da geração de 45, com tendências formalistas e neo-simbolistas. A autora exibe extrema preocupação com as questões relacionadas aos conflitos existenciais do homem, sua linguagem se mostra, em quase toda a sua carreira, densamente formal e provida de inúmeros neologismos.

Esses neologismos se fazem presentes em toda a produção literária de Hilda Hilst. Tal feito se inicia pela contrariedade com o descobrimento de sua obra por parte do



público. De acordo com a obra biográfica sobre Hilda Hilst (2018, p. 161), ela reclamava da dificuldade de encontrar seus volumes, declarando assim: “Eu só fico em sebo, do lado de um monte de autores mortos!”

É notável que a escritora mantinha um desejo em se tornar reconhecida, e assim, Hilda Hilst, dona de uma personalidade forte e intensa, começa a pensar em novas ideias e assume um novo estilo de escrita. Suas produções passaram a ter um caráter mais ousado e intenso, tornando-se característica da própria Hilda.

Na produção deste novo projeto de escrita, com o objetivo de se tornar reconhecida no mundo virtual, a escritora deslocou-se para uma linguagem mais erótica em suas obras, com a finalidade também de transparecer o quanto a literatura é capaz de se introduzir em lugares incabíveis pela vida. Ela não tem medo, demonstra ainda mais o caráter marginalizado, característica comum de sua escrita. Assim, nasceu então, O caderno rosa, de Lori Lamby. e em seguida Contos d’ escárnio, ambos os livros retratam um contexto sexual. Em entrevista sobre suas novas obras, Hilda Hilst (s/d) comentou:

O livro foi para mim uma maravilha, me devolveu a minha saúde mental, porque eu estava absolutamente triste, e com esse sentimento que eu acho terrível, que é o ressentimento. Então, eu pude escrever rindo o tempo todo. Foi delicioso escrever a Lori Lamby, como foi delicioso escrever os Contos d’escárnio.

A sexualidade também é manifestada no livro A Obscena Senhora D. Hilda faz um jogo de linguagem ao escrever Hillé, personagem que cria uma linha de questionamentos acerca de Deus, vida, matéria, morte e homem. Os trechos sexuais se fazem presentes no início da narrativa, sendo declarados por Ehud:

olhe, esse teu fechado tem muito a ver com o corpo, as pessoas precisam foder, ouviu Hillé? te amo, ouviu? antes de você escolher esse maldito vão da escada, nós fodíamos, não fodíamos Senhora D? [...] então estou descendo, escuta, também posso foder nesse ridículo vão de escada. Não venha, Ehud, posso fazer o café, o roupão branco está aqui, os peitos não caíram, é assustador até, mas não venha, Ehud, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é o corpo mãos boca sexo, não sei nada de você Ehud a não ser isso de estar sentado agora no degrau da escada, isso de me dizer palavras, nunca soube nada, é isso nunca soube (p.p. 22 e 23)

Essa argumentação ocorre à Hillé, que em um determinado momento se afasta da vida conjugal e de toda a sociedade, quando passa a morar debaixo da escada, ou seja, se afasta de seu marido Ehud, que contesta o real motivo de seu distanciamento, relatando a Hillé o fato de uma maneira sincera e obscena. Essa fase pornográfica da escrita hilstiana gira em torno da compulsiva busca e questionamentos a Deus, infundamente mudo e por



isso cruel, como é definido pela narradora protagonista. Vale ressaltar, que durante este período de uma escrita com obscenidade, Hilda Hilst sofreu diversas críticas como autora.

Isso é o Brasil. Uma pornocracia. Ou você escreve bandalheira, ou você tem que aparecer. [...] aqui no Brasil não se pode transgredir... não se pode falar de morte nem de sofrimento. Aqui no Brasil, ninguém morre. Eles querem a bandalha... [...] Na hora que você toca fundo, é mulher, e teu texto é pensante, eles só faltam te matar... (HILST APUD GABAGLIA, 1990, s.p.)

Em suma, essa afirmação demonstra a real transgressão da autora. Pois, além de escrever obras com caracteres eróticos, obscenos e pornográficos, Hilda Hilst se refere a transgredir como mulher, pelo fato de que essas obras são de autoria feminina, característica pela qual sofria preconceitos e críticas naquela época. Partindo desta premissa sobre autoria feminina, é sabido que o cânone literário sempre optou e favoreceu obras, cuja autoria é masculina.

O feminismo fundou-se na tensão de uma identidade sexual compartilhada. Segundo Toledo e Souza (2009, p. 11),

Ao nascer, a mulher é evidenciada na anatomia, mas é golpeada pela polarização de mundos sociais e culturais nos quais torna-se mulher, desta maneira Simone de Beauvoir, ao dizer “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, em *Le deuxième sexe* (1949), expressa de forma convicta a visão básica do feminismo: a desnaturalização do ser mulher.

É importante ressaltar que as mulheres desempenhavam um excelente papel na escrita, eram deixadas de lado dos maiores eventos literários, e para que as autoras mulheres passassem a fazer parte deste meio, foram necessárias inúmeras transformações, como ruptura dos padrões e movimentos sociais. De acordo com Lobo:

Ser o outro, o excluído, o entranho é próprio da mulher que quer penetrar no “sério” mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita - só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos (LOBO, 1999, p.5)

Com a produção da obra literária *A Obscena Senhora D*, Hilda explicitou sua indignação em relação ao papel exercido pela mulher no âmbito literário. A autora, ao trazer o leitor uma história de cunho sexual e ao mesmo tempo divinal, desloca o legente, e o faz movimentar-se por um universo onde as palavras estão deslocadas, as ações descritas ao centro de Ehad e Deus, ou seja, homens. A linguagem da narradora Hillé, sua percepção deturpada do mundo e de valores morais, é uma questão que parece estar muito



além de seus questionamentos, e, portanto, de sua compreensão. Ela se apropria de termos e comportamentos que apontam para uma proposta de alucinação em torno de todas as pessoas que a cercam. Torna-se notável, que a escritora busca pela neutralidade dos gêneros. Isso é explícito através da entrevista cedida à Maria Aparecida Bueno, presente no livro *Quatro mulheres e um destino* (1996):

[...] onde o corpo entrou sempre fui menos, nunca fui mais. MAB: Menos? Como você definiria a condição feminina? HH: Isso eu não sei, porque nem sei direito isso que eu sou, se sou homem, se sou mulher, eu sou tanta coisa, eu me sinto tanta coisa; bicho, tudo. (BUENO, 1996, p.35)

Nessa tentativa para que a sociedade passe a alcançar a neutralização entre a oposição, Hilda Hilst passa a empregar em seu discurso esse propósito, fazendo com que sua fala ganhe foco e se destaque. Contudo, a autora da literatura brasileira não se pode esquecer que é uma mulher, nascida no início do século XX, período quando as vozes femininas presentes, principalmente, na literatura eram silenciadas pelo patriarcado.

A importância da escrita de Hilda Hilst se dá pelas suas obras, quando a autora passa a evidenciar a mediocridade na qual o escritor deve suprir para que alcance as expectativas da população, mesmo que a autora tenha sofrido preconceitos e lidado com falta de visibilidade de seus livros é considerada como uma das mais importantes para a Literatura Brasileira até os dias atuais.

Entretanto, o começo para que a autoria feminina viesse a ter o prestígio que se tem hoje, passa a desenvolver ainda nos anos 70. Clarice Lispector foi a principal precursora desse movimento, já efetuando em suas obras crítica ao patriarcado. O conto *O Ovo e a Galinha*, publicado em 1964, foi escrito por Clarice Lispector e faz parte do livro *A Legião Estrangeira*. Neste enredo, considerado um dos mais filosóficos da autora, são mencionados os questionamentos do homem, no entanto, torna-se evidente o julgamento sobre o papel que é desempenhado pela mulher. Dentro dos simbolismos da literatura, a galinha representa a mulher e o ovo suas obrigações, segundo as ideias impostas pelo patriarcado. Clarice escreve: “O ovo é o grande sacrifício da galinha. O ovo é a cruz que a galinha carrega na vida. O ovo é o sonho inatingível da galinha. A galinha ama o ovo.” (Lispector, 1964, p. 54)

Ser mulher é justamente isso, estar lançada e destinada ao trabalho doméstico, aos filhos e marido. A galinha já nasce destinada a procriar, pois não existe uma galinha sem imaginar um ovo. A galinha, ao ser a representação da mulher, transfigura-se no mesmo papel desempenhado pela ave, nasce para casar-se, trabalhar e procriar.



Partindo desse pressuposto, é inegável a transcendência de Clarice Lispector para que a literatura de autoria feminina viesse a ter notoriedade. Assim, Hilda Hilst e diversas outras autoras tiveram espaço para iniciar seus trabalhos e dar representatividade feminina no âmbito literário através de protagonistas mulheres. Em suma, se observa que a literatura brasileira e a sociedade precisam caminhar juntas, a fim de promover uma educação respeitosa e leitores conscientes, visando proporcionar-lhes livros de autoria feminina, a fim de sanar discussões sobre relações de gênero, como afirma Hollanda:

É inegável que o pensamento crítico feminista no Brasil, em fase de expansão e formação de um corpus teórico próprio, pelo menos na área das letras, já mostra quantitativa e qualitativamente sinais de seu potencial crítico e político. É inegável também [...] que a atual voga dos estudos feministas não é apenas mais uma moda acadêmica, mas é um entre os muitos resultados da longa trajetória das mulheres, com idas e vindas, estratégias e lutas, em busca não só de seus direitos civis, mas também de seu inalienável direito de interpretação (HOLLANDA, 1993, p. 34).

A Obscena Senhora D. é um exemplo de representatividade feminina, por isso, faz-se, extremamente, necessária a leitura desta obra como representação da mulher e da autoria feminina, além de se configurar uma ferramenta de protesto e uma grande conquista das mulheres.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que os estudos realizados nesta pesquisa contribuirão para a divulgação da obra hilstiana, além de expandir o reconhecimento das mulheres e permitir que elas tenham autoridade, principalmente quanto à sexualidade feminina e ao poder que o chamado “sexo frágil” possui na sociedade contemporânea.

Desta forma, pode-se concluir que Hilda Hilst, por meio de sua ousadia e escrita inovadora, contribuiu para que outras mulheres, tais como, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Lygia Bojunga Nunes, Marina Colasanti, na prosa, e Adélia Prado e Cora Coralina, na poesia, fizessem parte da Literatura Brasileira, vindo a combater o preconceito proposto pela sociedade patriarcal, através de suas obras.

A personagem Hillé, em certo momento, também questiona Deus e a vida, e afirma que apesar da pornografia constante em sua obra, o negócio dela é Deus, ou seja, a religiosidade está presente em seus livros. Afasta-se dos cômodos comuns da casa e se coloca em um vão da escada, onde põe-se a refletir sobre seus problemas. Esse



isolamento, essa solidão, representam como a autora se sente em relação aos demais escritores, enquanto mulher: excluída.

Enquanto seu marido vivia, denominava esse comportamento de Derrelição, que significa abandono, desamparo, sentimentos relacionados às atitudes dela e ao seu sofrimento. Daí, ainda, se compreende o significado do título do livro: A Obscena Senhora D.

Assim, se conclui que o livro literário A Obscena Senhora D. constitui-se um instrumento de protesto das mazelas da sociedade, neste caso, da falta de visibilidade de obras de autoras femininas, precisamente, de escritoras que tratam de sexo, sexualidade, pornografia e assuntos afins, além de contestar as relações de gênero em toda sua obra.

REFERÊNCIAS

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1985.

BUENO, Maria Aparecida. **Quatro mulheres e um destino**. Rio de Janeiro: UAPE, 1996.

CAVALCANTI, José Antônio. A obscena senhora D: uma narrativa de deslocamento. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, Volume 12, junho 2008.

GUIMARÃES, Cinara Leite. **A Obscena Senhora D., de Hilda Hilst, e as relações entre Eros, Tântatos e Logos**. 2007. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Paraíba. 2007.

HILST, Hilda. **A Obscena Senhora D**. São Paulo: Massao Ohno, 1982.

LIMA, Jorge da Cunha. **Hilda Hilst, uma feminista nata nos anos 50**. Disponível em <https://artebrasileiros.com.br/cultura/hilda-hilst-uma-feminista-nata-nos-anos-50/> Acesso em 13 out. 2022.

LISPECTOR. Clarice. **A Legião Estrangeira**. São Paulo: Rocco. 1964.

LOBO, L. A dimensão histórica do feminismo atual. In: RAMALHO, C. (Org) **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Elo, 1999, p.41-50.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.



ROSSINI, Tayza Nogueira. A representação de gênero na literatura de autoria feminina brasileira. **Brasiliana – Journal for Brazilian Studies**. Vol. 3, n.1 (Jul. 2014). ISSN 2245-4373.

SHCOLNIK, Fernanda. Hilda Hilst: escritora maldita? **Revista Estação Literária**. Londrina, volume 12, p. 452-468, jan. 2014.

SOUZA E TOLEDO, Mailza Rodrigues. **Do corpo ao corpo: a mulher inscrita/escrita na poesia de Hilda Hilst e Ana Paula Tavares**. 2009. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, 2009.

SOUTHEY, Robert. **Letter from Robert Southey to Charlotte Brontë**, 12 March 1837. Disponível em <https://www.bl.uk/collection-items/letter-from-robert-southey-to-charlotte-bronte-12-march-1837> Acesso em 13 out. 2022.

SUSSEKIND, DIAS, AZEVEDO. Flora, Tânia, Carlito (orgs) **Vozes Femininas: gênero, mediações e práticas da escrita**. Rio de Janeiro: 7letras: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003.